



JOSÉ PEDRO CROFT

Reflexos, Enclaves, Desvios

Curadoria: Luiz Camillo Osorio

30.04 — 13.09.26

MAC/CCB

Inaugura no dia 29 de abril, quarta-feira, a exposição que marca, 25 anos mais tarde, o regresso de José Pedro Croft – e dos *Reflexos, Enclaves e Desvios* presentes na sua obra – ao Centro Cultural de Belém. «O metal, o vidro, os espelhos, a linha, a cor, a memória gráfica, as sobreposições, a instabilidade: tudo isto reverbera entre as gravuras, os desenhos e as esculturas.» As palavras do curador brasileiro Luiz Camillo Osorio oferecem algumas pistas para a experiência que a mostra nos reserva, até 13 de setembro de 2026, no piso 0 do Museu de Arte Contemporânea.

A abordagem poética alia-se a uma componente cosmopolita, na presença de 95 obras a evidenciar a força de um nome que se foi afirmando, e ganhou lugar de destaque, na criação artística do Portugal democrático. Estabelecendo o diálogo entre superfícies planas e formas tridimensionais, recorre a um jogo de espelhos que reflete corpos, amplia escalas e projeta novas perspetivas na esfera das artes plásticas. Desafiada a perceção, o olhar desorienta-se e o tempo recua,

suspendendo a velocidade do mundo.

A PALAVRA AO CURADOR:

«José Pedro Croft (Porto, 1957) volta a realizar uma grande exposição no CCB após quase 25 anos. O foco desta exposição, portanto, é um recorte daquilo que produziu durante este século. Trata-se de um dos principais artistas portugueses da geração que se formou logo após a Revolução dos Cravos, em 1974. A sua poética visual, vinculada aos ideais da liberdade, do cosmopolitismo e da experimentação, afirma-se pelo confronto da própria materialidade das linguagens plásticas — a linha, o plano, a cor, o espaço —, sem deixar de levar em conta a sua expansão para a arquitetura e o corpo (inerente aos gestos do artista e à percepção do espectador).

Há que destacar, por um lado, a austeridade e a contenção de um trabalho meticuloso e quotidiano no atelier, e, por outro, o apelo a que o espectador trabalhe de forma imaginativa os signos visuais. Ver não é reconhecer. As muitas variações das séries gráficas conduzem o olhar para o interior de um processo em que repetição e diferença se potencializam. A atenção ao detalhe é uma convocação política numa época de dispersão interessada.

Uma exposição monográfica deve procurar um caminho curatorial que saliente aspetos da poética do artista que nos ajudem a perceber a sua contemporaneidade, os seus vínculos e atritos com a história da arte, e a sua capacidade de enfrentar os desafios do mundo atual. A nossa percepção quotidiana, fundada na fragmentação e no excesso, é convocada para desconstruir as partilhas estéticas hegemónicas, os nossos hábitos percetivos. Neste aspeto, destacaria dois elementos importantes que perpassam a produção de Croft: a articulação original entre o fazer gráfico, a tradição construtiva, os elementos arquitetónicos e a escala do corpo; e o rigor plástico que exige do olhar um tempo de experiência que resiste à aceleração do nosso regime de atenção.

Na dialética entre repetição e diferença que marca a sua poética, deve destacar-se a maneira como o artista trabalha — e reelabora — as placas de cobre e interfere constantemente nas gravuras. O jogo serial vai produzindo microdiferenças que obrigam o espectador a parar e reparar na forma como tais deslocamentos produzem energias espaciais intensas. As alterações cromáticas e o jogo de luzes e sombras são também elementos que o artista utiliza a partir das intervenções nas matrizes das gravuras, raspando, limpando, marcando, sobrepondo cores — enfim, fazendo deste árduo embate com os materiais um pensamento próprio inerente ao trabalho do gravador.

Foi uma decisão curatorial a concentração nos desenhos e no fazer gráfico, atualizando os ditames seculares dos ateliers de gravura, com os seus técnicos e regras impositivas. Este aspeto obriga-nos a deslocar a temporalidade do nosso regime percetivo. O esforço inerente ao fazer das suas gravuras impõe um ritmo mais lento à receção, uma vez que as camadas que se sobrepõem, e que se evidenciam nas tiragens, não se entregam facilmente ao olhar. Em certos momentos, recorrentes nas obras expostas no MAC/CCB, a densidade e a combinação das cores vão produzindo uma profundidade no campo de visão nada trivial, em se tratando de gravura.

A reflexividade especular que desorienta a nossa perceção espacial reverbera no fazer, desfazer e refazer das chapas de metal, com as suas multiplicações de volumes espaciais. Há um intercâmbio contínuo entre o trabalho da mão e o do olho; há uma articulação interna no confronto exaustivo da chapa de metal das gravuras com os deslocamentos óticos e desvios insinuantes de suas esculturas. O metal, o vidro, os espelhos, a linha, a cor, a memória gráfica, as sobreposições, a instabilidade: tudo isto reverbera entre as gravuras, os desenhos e as esculturas.

A produção de José Pedro Croft ao longo das últimas décadas evidencia uma apropriação constante de gestos e elementos plásticos reposicionados por um mundo em rápida transformação com o qual mantém uma relação de tensão e conflito. É no interior dos conflitos com o tempo presente que a arte potencializa o seu compromisso com a liberdade e com o exercício experimental de ver o que não se sabe reconhecer.»

Luiz Camillo Osorio, curador da exposição

SOBRE O ARTISTA: JOSÉ PEDRO CROFT

Nasceu no Porto em 1957, vive e trabalha em Lisboa. Estudou pintura na ESBAL e escultura com João Cutileiro. A sua obra transita sem hierarquias entre escultura, desenho e gravura.

Exposições individuais (uma seleção):

Reflexos, Enclaves, Desvios – Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2025 | *Shifting and Displaced* – Galeria Iréne Laub, 2025 | *Duplo/Dobles* – Galeria Helga de Alvear, 2025 | *Coopertiva dos Pedreiros* – Galeria Nuno Centeno, 2024 | *Et Sic In Infinitum* – Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, 2023 | *Caminhos Cruzados – José Pedro Croft na Coleção António Cachola* – MACE, 2022 | *Campo/Contracampo, Anozero* – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, 2020 | *Campo/Contracampo*, Fundación Cerezales Antonino y Cinia, León, 2019 |



Medida Incerta, Representação Oficial de Portugal na 57.ª Bienal de Veneza, 2017
| *Fora de Sítio*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2015 | *Corpos duplos – Duplas
imagens*, Capela do Morumbi, São Paulo, 2015 | *Objectos Imediatos*, Fundação
Carmona e Costa, Cordoaria Nacional, Lisboa, 2014 | Pinacoteca de São Paulo,
2009 | *Paisagem Interior*, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007 | Museu de
Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2006 | Museu de Arte da Pampulha, Belo
Horizonte, 2006 | *Retrospectiva*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2002.

Coleções:

Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal | Fundação
EDP, Portugal | Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Portugal |
Museu de Serralves, Portugal | Coleção de Arte Contemporânea do Estado,
Portugal | Caixa Geral de Depósitos, Portugal | Coleção Berardo, Portugal | Banco
Privado de Portugal, Portugal | Museo de Arte Contemporáneo Helga de Alvear,
Espanha | Fundació la Caixa, Espanha | Fundació Banc Sabadell, Espanha | Museo
Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Espanha | Colección Banco de España,
Espanha | Fundación Caja Madrid, Espanha | European Central Bank, Alemanha |
Sammlung Albertina, Áustria | Centre Pompidou, França | Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro, Brasil | Pinacoteca de São Paulo, Brasil | Jorge M. Pérez
Collection, Estados Unidos da América.

Representado por:

Galeria Miguel Nabinho, Lisboa | Galeria Nuno Centeno, Porto | Galería La Caja
Negra, Madrid | Galería Proyecto Paralelo, México D.F. | Galerie Bernard Bouche,
Paris | Irène Laub Gallery, Bruxelas | Galeria Maneco Müller: Multiplo, Rio de
Janeiro.

PROGRAMAS PÚBLICOS:

02.05.26 16h00 Visita com José Pedro Croft e Luiz Camillo Osorio

17.05.26 16h00 Visita com José Pedro Croft

17.05.26 11h00

28.06.26 11h00

13.09.26 11h00

Visitas guiadas por mediadores

MAIS INFORMAÇÕES:

Manuela Costa

manuela.costa@ccb.pt



+ 351 925 313 416